

## O regramento sexual no pensamento agostiniano: alguns apontamentos

Wendell dos Reis Veloso<sup>1</sup>

Desde o advento da Nova História, a sexualidade tem se afirmado como um tema de grande relevância para a compreensão dos mais variados sentidos das relações humanas, consideradas nos seus mais diversos e complexos sentidos<sup>2</sup>. A intolerância religiosa é uma das áreas cujo estudo das questões sexuais pode contribuir de maneira bastante profícua, uma vez que as concepções cristãs sobre a sexualidade terminam por nos revelar suas idéias acerca do humano.

Historiadores que têm se debruçado sobre a questão do sexo e da sexualidade, como Jacques Rossiaud, por exemplo, defendem que a sexualidade nas sociedades antigas, além de ser a função humana mais pessoal, é também a mais normatizada, de modo que as estruturas parentais e as organizações sociais seriam desenvolvidas em torno da codificação das relações sexuais<sup>3</sup>.

Em confluência com Rossiaud, Peter Brown em sua obra *Corpo e Sociedade*<sup>4</sup> defende que no pensamento tardo-antigo a sexualidade foi importante mecanismo disciplinador para o exercício de uma ordem instituída pelo Cristianismo. Diferentemente de outras percepções do Cristianismo, como, por exemplo, a versão maniqueísta, na qual a percepção da sexualidade era antissocial<sup>5</sup>, denominamos a noção agostiniana da sexualidade como uma percepção cívica<sup>6</sup>.

---

<sup>1</sup> Licenciado em História pela Universidade Gama Filho. Aluno do 8º período do Curso de Bacharelado em História da Universidade Gama Filho e pesquisador associado ao LITHAM/UFRRJ (Laboratório Interdisciplinar de Teoria da História Antiguidade e Medieval da UFRRJ), inserido no projeto coletivo *Linguagens, Discursividades e Mitologias na Literatura Adversus Iudaeos: Pensamento Eclesiástico e a Questão Judaica. Séculos IV a VI d.C.*, coordenado pela Prof.Dra.Renata Rozental Sancovsky.

<sup>2</sup> ENGEL, Magali. História e Sexualidade. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da História: Ensaios de Teoria e Metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 297.

<sup>3</sup> ROSSIAUD, Jacques. Sexualidade. In: LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-Claude (orgs.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. São Paulo: 2ª ed. EDUSC, 2006. 2 vols. p. 477.

<sup>4</sup> BROWN, Peter. *Corpo e Sociedade: o Homem, a Mulher e a Renúncia Sexual no Início do Cristianismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

<sup>5</sup> *Ibidem*. p. 321.

<sup>6</sup> *Ibidem*. p. 329.

Se a igreja católica pretendia permanecer unida, só conseguiria fazê-lo validando a sociedade romana. Os laços que ligavam os súditos aos imperadores, os escravos aos senhores, as mulheres aos maridos e os filhos aos pais não podiam ser ignorados, e muito menos abruptamente abandonados para se recuperar um estilo de vida ‘angelical’. Deviam, ao contrário, ser postos a serviço da causa católica<sup>7</sup>.

Neste contexto, de crescente catolicização institucional e social, muitas igrejas, através dos seus bispos, construíram uma argumentação que, hoje, denominaríamos de uma antropologia do corpo.

Situando Agostinho, o Bispo de Hipona, entre os autores denominados patrísticos, autores utilizados pelas próprias elites episcopais, de períodos posteriores, como argumento de autoridade<sup>8</sup>, e entendendo *cultura* também como a substituição do aleatório pelo organizado que visa a assegurar os interesses do grupo responsável pelo processo de organização<sup>9</sup>, defendemos que os escritos agostinianos mostram-se de importância capital na construção de uma tradição de regramento do sexo cujo objetivo era o de desenvolver, nas mentes e na cultura, determinados valores e normas de comportamento, constituintes da identidade cristã.

Na obra do Bispo Agostinho de Hipona, verificamos a importância da definição do lugar do sexo na obra divina, assim como o papel das relações sexuais na vida cristã. Para o mundo ocidental, o pensamento do nosso autor, em muitos momentos, mais lido que a própria Bíblia, e sua versão do que Peter Brown refere-se como “paradigma monástico”, evidencia-se como de fundamental importância para nossa análise.

---

<sup>7</sup> Ibidem. p. 328.

<sup>8</sup> A historiadora Renata Rozental Sancovsky nos fornece um bom exemplo da utilização do pensamento agostiniano em períodos posteriores em seu estudo sobre a legitimação ontológica que o Bispo Isidoro de Sevilha encontrou em nosso autor. Outro exemplo acerca dos influxos agostinianos em escritos medievais pode ser encontrado em artigo de nossa autoria sobre a análise do processo de regramento do sexo no século XIII. Cf. SANCOVSKY, Renata Rozental. *Inimigos da Fé: Judeus, Conversos e Judaizantes na Península Ibérica, Século VII*. Rio de Janeiro: Imprinta Express, 2008, pp. 99-125.; VELOSO, Wendell dos Reis. Os Concílios Lateranenses e a Questão Sexual: Idéias, Teorias e Práticas. In: I ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS SOBRE O MEDITERRÂNEO ANTIGO, 2009, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro : NEA/UERJ, 2009. v. 1. pp. 1-17.

<sup>9</sup> RODRIGUES, José Carlos. *O Tabu do Corpo*. Rio de Janeiro: Edições Achiamé Ltda, 1975, p. 10.

Peter Brown e Daniel Boyarin apresentam assertivas confluentes no que tange ao discurso sobre o corpo e seus usos. Para ambos, a Igreja valeu-se de tal questão na construção de uma tradição, a qual entendemos como uma estratégia discursiva de sectarização, para forjar uma diferenciação entre cristãos, judeus e pagãos<sup>10</sup>. Por isso, Brown chama atenção à necessidade de fuga de uma demasiada atenção ao fato indubitável de que para essas três religiões, de uma maneira ou de outra, a percepção do corpo e a expressão da sexualidade, dê-se, por vezes, em tons negativos, apontando como fundamental atentarmos para a intensidade e a particularidade da carga de significação dada a ela<sup>11</sup>. Nas diferentes vertentes do pensamento cristão, a sexualidade constitui-se em elemento de alta carga simbólica.

Não basta falar da ascensão do cristianismo no mundo romano simplesmente em termos da passagem de uma sociedade menos repressiva para outra mais repressiva. O que estava em jogo era uma mudança sutil na percepção do próprio corpo. Os homens e mulheres dos séculos subseqüentes não apenas foram cercados por um conjunto diferente e mais rigoroso de proibições. Passaram também a ver seus próprios corpos sob um prisma diferente<sup>12</sup>.

Dessa maneira, objetivamos no presente artigo, por meio de uma *Análise de Discurso*<sup>13</sup> dos escritos agostinianos<sup>14</sup>, refletir sobre a importância do regramento sexual e do corpo nesse processo identificável nos textos do Bispo de Hipona.

---

<sup>10</sup> BOYARIN, Daniel. *Israel Carnal: Lendo o Sexo na Cultura Talmúdica*. Rio de Janeiro: Imago, 1994. [Col.Bereshit], p. 14; BROWN, Peter. Antiquidade Tardia. In: VEYNE, Paul (org.). *História da Vida Privada I: do Império Romano ao Ano Mil*. São Paulo: Cia. das Letras, 2009, p. 242.

<sup>11</sup> BROWN, Peter. Antiquidade Tardia... op. cit., loc. cit.

<sup>12</sup> Idem. *Corpo e op... cit.*, p. 35.

<sup>13</sup> Nossa proposta de Análise de Discurso tem por objetivo identificar os significados que a materialidade do discurso permite para a interpretação não somente das teorias, mas também das práticas, relativas aos seres sociais alvos dos discursos. Tal metodologia foi resumida com bastante precisão no seguinte artigo: GUIMARÃES, Cristiane Vargas. "Isidoro de Sevilha: uma Proposta de Análise de Discurso e Discursividade Antissemita no Tratado *De Fide Catholica contra Judaeos*". In: I ENCONTRO... op. cit., v. 1. pp. 1-14. Especialmente as páginas 6 e 7.

No primeiro parágrafo do capítulo oitavo de suas *Confissões* Agostinho empreende a seguinte reflexão:

Acaso será em alguma parte e momento injusto amar a Deus de todo o coração, com toda a alma e com todo o entendimento e amar ao próximo como a nós mesmos? Por isso todos os pecados contra a natureza, como o foram os dos sodomitas, hão de ser detestados e castigados sempre e em toda parte, [...].<sup>15</sup>

Percebemos, no seguinte trecho, o estabelecimento de alguns pecados, exemplificado por um pecado sexual (!), como que antitéticos à natureza humana, ou seja, os seres sociais tidos como desviantes, como os sodomitas, citados por nosso autor, são enquadrados em uma relação antagônica e hierarquizante em que ocupam uma posição de inferioridade que sugere a potencialidade até mesmo de inexistência, uma vez que suas práticas contrariariam a própria natureza.

Mais à frente, encontramos:

Com relação aos pecados que são contra os costumes humanos, também hão de ser evitados de acordo com a diversidade de costumes, a fim de que o pacto mútuo entre povos e nações, firmado pelo costume ou pela lei, não seja quebrado por nenhum capricho de cidadão ou forasteiro, porque é indecorosa a parte que não se acomoda ao todo<sup>16</sup>.

---

<sup>14</sup> Nossas análises centram-se no capítulo VIII do Livro Terceiro das *Confissões*, onde o Bispo de Hipona discorre sobre a moral e os costumes, e no Livro XIV da obra *A Cidade de Deus*, onde o autor trata da relação entre Pecado Original, a carne e a possibilidade do ser humano se reproduzir sem libido caso o primeiro homem não tivesse pecado.

<sup>15</sup> AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. São Paulo: Martin Claret, 2004, p. 73.

<sup>16</sup> *Ibidem*.

Mais uma vez, temos uma evidência da correlação operada por Agostinho entre pecado e uma assertiva negativa à humanidade de alguns seres sociais, e, portanto, uma correlação entre a falta de pecados, ou luta contra estes, e uma assertiva positiva à humanidade de outros seres.

De maneira indiciária, localizamos, nos trechos acima, as matrizes filosóficas do discurso alvo de nossa análise. Em sua biografia do Bispo Hiponense, Peter Brown mostra-nos que nosso autor lera algumas obras platônicas – provavelmente Plotino – no momento de sua vida em que se desligava da concepção maniqueísta de pensamento<sup>17</sup>.

Sobre o pensamento de Plotino, Brown assevera:

O sentimento pungente de que o homem comum, preso ao mundo óbvio dos sentidos, move-se na penumbra e de que o saber que ele afirma possuir é meramente o estado obscuro e derradeiro de uma progressão inelutável de estágios decadentes de consciência é a marca da visão plotiniana do universo.<sup>18</sup>

E segue afirmando que os “seguidores” de uma concepção platônica de pensar a realidade sempre assentiram ante a possibilidade de oferecer uma visão de Deus que o homem poderia conquistar por si e para si através da “ascensão” racional e desassistida de sua mente ao mundo inteligível<sup>19</sup>. Atentando para a matriz socrática existente no pensamento de Platão, entendemos que falamos, portanto, do axioma platônico do *logos*. Sobre isso, podemos dizer:

Ora: ‘que é?’ significa para estes gregos ‘dar a razão disso’, encontrar a fórmula racional que o abranja completamente, sem

---

<sup>17</sup> BROWN, Peter Robert Lamont. *Santo Agostinho: uma Biografia*. Rio de Janeiro: 5ª ed. Record, 2008, p. 117.

<sup>18</sup> *Ibidem*, p. 116.

<sup>19</sup> *Ibidem*, p. 125.

deixar fresta alguma. E a essa razão que o explica, a esta fórmula racional denominam com a palavra grega **logos**, uma das palavras mais refulgentes do idioma humano; ilustre, porque dela provém a lógica e tudo aquilo que com a lógica se relaciona; ilustre também porque o credo religioso apossou-se dela, e a introduziu no latim com o nome de **verbum**, que se encontra até mesmo nos dogmas fundamentais de nossa religião: o verbo divino.<sup>20</sup>

Segunda a medievalista Renata Sancovsky, esta reapropriação do conceito filosófico do *logos* deu-se porque a ontologia platônica está intrinsecamente associada a tal conceito grego, elemento do ser que apresenta uma conformidade unitária, coerente e existencial. Dessa maneira, acabou por ocorrer à coincidência entre o *logos*, uma vez que perfeito, e a instância divina<sup>21</sup>.

Mais à frente, a mesma autora mostra-nos que a luta maniqueísta infinita do bem contra mal, para o nosso autor, resumir-se-ia à luta do *logos/verbum* contra os seres que não o são de verdade, por serem falsos, ilusórios e nocivos, uma vez que não teriam sido purificados pelo reconhecimento do *verbum* – já consubstanciado na pessoa de Cristo – pelos seres<sup>22</sup>.

Com base nestas reflexões, entendemos melhor o antagonismo formulado por Agostinho e, evidenciado nos dois trechos analisados anteriormente, entre pecado e humanidade, uma vez que em sua opinião o não reconhecimento do *verbum*, ou seja, da pessoa de Cristo como imanente de toda bondade e verdade, implicaria necessariamente em uma vida balizada pela maldade e pela inverdade.

Identificamos ainda o caráter universalista da fé cristã católica na assertiva de que a diversidade de costumes, firmadas por lei ou costumes, não deve ser tolerada, ainda que praticadas por estrangeiros “porque é indecorosa a parte que não se acomoda

---

<sup>20</sup> GARCÍA MORENTE, Manuel. *Fundamentos de Filosofia I: Lições Preliminares*. São Paulo: 8ª ed. Mestre Jou, 1980, p. 87.

<sup>21</sup> SANCOVSKY, Renata Rozental. *Inimigos da...* op. cit., p. 108.

<sup>22</sup> *Ibidem*. p. 111.

ao todo”<sup>23</sup>. Em consonância com estas concepções tais pecados deveriam ser, não somente detestados, mas também castigados em toda parte e em todo lugar<sup>24</sup>.

Importante também para o entendimento do pensamento agostiniano é a característica medieval de uma relação dinâmica entre corpo e alma: “característica dessa dialética é a atenção dada ao corpo como modo de “expressão” exterior (*foris*) dos movimentos interiores (*intus*) e invisíveis da alma, dos estados psíquicos, das emoções e do próprio pensamento”<sup>25</sup>. De maneira que Agostinho tinha “o corpo humano como um espelho minúsculo em que homens e mulheres podiam vislumbrar o seu reflexo”<sup>26</sup>.

E é no interior deste corpo que se situa uma batalha de proporções importantíssimas para os homens e mulheres medievais. Ele é o templo do Espírito Santo, o qual vivificará os corpos que ao mesmo tempo em que são seus templos<sup>27</sup>, são os agentes externalizadores da desordem sexual característica da corrupção humana permanente desde a Queda<sup>28</sup>.

Portanto, é por meio de um regramento da sexualidade, operacionalizado através do corpo, que Agostinho de Hipona propõe seu caminho de volta à mesura e a não existência de qualquer tipo de excesso encontrado no Paraíso pré-Queda, e para os quais os homens e as mulheres haviam sido criados. Ou seja, um caminho de volta ao *verbum*, lutando cotidianamente contra as interferências diversas que impediam os bons cristãos de retornarem a sua condição primeva de *imago Dei*.

Uma análise atenta do discurso de Agostinho de Hipona mostra-nos que o celibato seria o ideal de vida e que uma vida sexual era concebida apenas como concessão em um contexto de continência. Por exemplo, ao tratar do sentido próprio da palavra libido Agostinho escreveu:

---

<sup>23</sup> AGOSTINHO, Santo. Confissões... op. cit., p. cit., p. 73.

<sup>24</sup> Ibidem.

<sup>25</sup> SCHMITT, Jean-Claude. Corpo e Alma. In: LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-Claude (orgs.). *Dicionário Temático...* v. 1, op. cit., pp. 253-267.

<sup>26</sup> BROWN, Peter. *Corpo e...* op. cit., p. 35.

<sup>27</sup> “E se o Espírito daquele que ressuscitou Jesus dentre os mortos habita em vós, aquele que ressuscitou Cristo Jesus dentre os mortos dará vida também a vossos corpos mortais, mediante o seu espírito que habita em vós.” Rm 8,11. Cf.: BÍBLIA DE JERUSALÉM. Tradução da Vulgata de Jerônimo, 347-419 d.C.. São Paulo: Paulus, 2002. p. 1979. Também Cf. referência de número 13.

<sup>28</sup> “[...] a noção agostiniana da corrupção permanente da natureza humana desde a Queda estava intimamente ligada à sua convicção de que essa corrupção era explicitada por uma desordem permanente do anseio sexual”. BROWN, Peter. *Corpo e...* op. cit., p. 338.

Quem, amigo da sabedoria e dos gozos santos, levando vida matrimonial, mas consciente, segundo o conselho do Apóstolo, *de que possui seu vaso em santificação e honra, não na enfermidade do desejo, como os gentios, que desconhecem Deus, não preferiria, se lhe fora possível, gerar filhos, sem essa libido?*<sup>29</sup>

É verificável, aqui, não uma preocupação com a supressão da *carne* e do sexo. Antes, o que nos fica claro é a necessidade de uma vida sexual que deve ter por base um controle, no mínimo, de caráter duplo: a vida sexual é aceitável somente no interior do casamento e ainda assim deve ser controlada, ou, como nos mostra o texto de Agostinho, *consciente*.

Percebemos que Agostinho refere-se de maneira clara a três versos da primeira epístola de Paulo aos Tessalonicenses. Com base nesses textos, notamos que a única alternativa, fora de uma vida celibatária, passava por uma série de regramentos, a começar pela imposição do casamento entre um homem e uma mulher, ou seja, um casamento heterossexual. Em segunda instância, há que se ressaltar que mesmo no interior de um casamento a vida sexual deveria ser controlada. Diferenciando assim os cristãos dos não-cristãos, uma vez que esses se deixariam levar pelas paixões, enquanto o controle deveria ser um elemento constituinte da identidade cristã.

Notamos também que o principal objetivo não seria a supressão do sexo e/ou da *carne*, uma vez que o sexo não se configura como um pecado por si só, pois o que se mostra como um grave problema é o seu exercício de maneira descontrolada.

Agostinho afirma:

Longe de nós pensar que os dois primeiros esposos, no paraíso, com essa libido, de que se envergonharam, cobrindo em seguida

---

<sup>29</sup> AGOSTINHO, Santo. *A Cidade de Deus*: contra os pagãos. Bragança Paulista: 8ª ed. Editora Universitária São Francisco, 2008, p. 156

a sua nudez, tornariam efetiva a bênção de Deus: Crescei e multiplicai-vos e povoai a terra. **A libido surgiu do pecado e, depois do pecado, nossa natureza,** pudica, despojada do domínio que tinha sobre o corpo, **sentiu esse desarranjo,** advertiu-o, envergonhou-se dele e cobriu-o.<sup>30</sup>

Conforme podemos perceber o pecado do primeiro homem, o qual reverberou na Queda, seria o elemento responsável pela desconfiguração da vida santa para qual o homem havia sido criado. Vida santa que incluía sim o sexo, como podemos perceber em outro trecho da fala de Agostinho, logo em seguida, ao anteriormente, citado:

[...] Todavia, a bênção dada ao matrimônio, para crescerem, multiplicarem-se e povoarem a terra, embora seja verdade que subsistiu nos delinquentes, o foi antes de delinqüirem, dando-nos a entender com isso que a procriação dos filhos é a glória do matrimônio, não castigo do pecado.<sup>31</sup>

O controle do sexo dava-se por meio de inúmeras restrições corporais, ligadas a atitudes do cotidiano, como, por exemplo, as encontradas no discurso agostiniano, quando o bispo de Hipona, dissertando sobre o que se deve entender por viver segundo a carne, escreve: “Entre as obras da carne que disse manifestas e, uma vez enumeradas, condenou, encontramos não apenas as relativas ao prazer carnal, como as fornicções, a desonestidade, a luxúria, as embriaguezes, as glotonerías, [...]”<sup>32</sup>.

Tendo como postulado o *continuum* entre corpo e o seu interior, as elites episcopais objetivavam controlar e dar equilíbrio à vida sexual, desordenada após a Queda, por meio de um regramento de atitudes como a prática de beber ou comer. Construindo, assim, um repertório de hábitos e símbolos que reverberariam em uma

---

<sup>30</sup> AGOSTINHO, Santo. A Cidade op. cit., p. 161. Grifos nossos.

<sup>31</sup> Ibidem, p. 161.

<sup>32</sup> Ibidem, p. 133.

tradição de controle sexual por meio do controle do corpo, uma vez que como afirma Agostinho: “É verdade que o corpo corruptível oprime a alma”<sup>33</sup>.

Agostinho também afirma: “Pois bem, qual pode ser o princípio da má vontade, se não a soberba? O princípio de todo pecado é a soberba, lemos”<sup>34</sup>. A apresentação da soberba como a origem de todos os vícios, responsável pelo início de todos os pecados, a fonte emanante de todos os excessos é recorrente. Em outro trecho; lemos: “Diz, por exemplo, serem obras da carne, as inimizades, as porfias, as emulações, as animosidades e as invejas. Fonte de todos esses males é a soberba”<sup>35</sup>.

Ao afirmar ser a soberba a fonte de todos os vícios, podemos entendê-la como antagonismo direto das virtudes, as quais estão ligadas à medida, à medida, ou seja, à negatividade de todo excesso. Mais uma vez, vemos, no pensamento agostiniano, a insistência na idéia de controle como de grande importância para a identidade cristã, o qual tinha interesse em afirmar o regramento da vida social em que a questão do sexo tinha importante papel, definidor dos que eram seres legítimos por meio da sua identificação com o *verbum*. Em contraste com os sodomitas, ou com os gentios dados as paixões, dentre outros seres sociais, os quais evidenciariam por sua sexualidade supostamente desviante a sua identificação com o não-ser, a sua inverdade, de modo que por isso deveriam não somente serem detestados, mas também castigados; em todo o tempo; em todo o lugar.

---

<sup>33</sup> Ibidem.

<sup>34</sup> Idem, p. 151.

<sup>35</sup> Ibidem. p. 135.